

Visão da semana: Ainda endividamento e inflação

O problema do endividamento externo do Brasil ocupou o principal lugar de destaque no noticiário da semana passada. Na medida em que o Fundo Monetário Internacional passou a coordenar as negociações do País junto a seus credores externos, aguardava-se o encaminhamento mais ágil quanto às necessidades adicionais de recursos para este ano e o próximo. O desenlace das conversações trouxe à tona um resultado positivo neste caso, embora isto não signifique o fim das preocupações a curto prazo. O FMI anunciou um "pacote" de US\$ 11 bilhões, dos quais US\$ 6,5 bilhões fornecidos por bancos privados, US\$ 2,5 bilhões a título de créditos comerciais de governos e US\$ 2 bilhões para financiamento dos atrasados imediatos. No final da semana, divulgou-se que as autoridades brasileiras estariam procurando obter um novo bridge-loan de US\$ 3 bilhões.

Na realidade, os credores brasileiros ainda se mostram céticos quanto ao sucesso da política econômica ora em curso. Jornais do Exterior têm sido pródigos em críticas ao desperdício e à má alocação de recursos promovidos por nossas autoridades. O Wall Street Journal publicou um editorial de grande repercussão externa e internamente, enfatizando que o Brasil apenas tem uma opção a escolher, qual seja, adequar-se às medidas preconizadas pelo FMI, ou correr para o colapso interno, a ruína total.

Este temor é justificado e foi motivado pelos desvios em relação à programação econômica acertada com o FMI no início deste ano. Não se pode desejar que nossos credores tenham confiança no sucesso da política econômica, quando nossos ministros apressam-se em desmentir quaisquer perspectivas neste sentido. Dois dias após a divulgação do "pacote" de US\$ 11 bilhões, autoridades brasileiras afirmavam que a inflação (expurgada) de setembro não ficaria abaixo dos 11%, comprometendo definitivamente a meta de uma taxa média mensal de 5% durante o último trimestre deste ano.

O presidente João Figueiredo não parece concordar com o ceticismo reinante, reafirmando sua convicção de que o programa econômico é coerente e compatível com a necessidade de sair da recessão. Todavia, entre a coerência programática e a realização dos objetivos parece existir um fosso que não cessa de se alargar. Há incoerências que são constantemente reativadas. A fixação de um índice de 9,5% para a correção monetária de outubro é um exemplo disto, contribuindo para manter o mercado financeiro mais ativo e especulativo nos próximos meses.

Neste quadro assaz sombrio, uma esperança desponta com o setor agropecuário. Os infortúnios da safra norte-americana, aliados ao programa de redução de plantio (PIK), continuam a fortalecer as cotações do milho e da soja e a pressionar os estoques dos Estados Unidos. Há, portanto, boas perspectivas para as exportações brasileiras destes produtos, cuja área plantada deve aumentar, de acordo com os primeiros levantamentos na região Sul. O otimismo não pode ser maior, pois há certa escassez de sementes de soja e sua qualidade também não é a melhor. Será necessário programar adequadamente estas exportações, de modo a evitar a repetição dos fatos registrados nesta safra, quando faltou óleo de soja e foi necessário importar milho.